

Discurso Acadêmico, Professor e Novas Tecnologias

Profa. Dra. Eliana Maria Severino Dono Ruiz¹ (UEL)

“A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentadores de poder.” (FOUCAULT, [1979]2009, p. 12)

Resumo:

Tomando como aporte teórico a Análise Discurso de tradição franco-brasileira, em uma perspectiva arqueogenealógica foucaultiana, esta pesquisa pretende discutir o imaginário discursivo acerca do professor contemporâneo, em artigos acadêmicos recentemente publicados, de diferentes áreas do conhecimento, num contexto fortemente marcado pelas novas tecnologias de informação e comunicação. A investigação tem caráter preliminar, já que se baseia em um levantamento prévio de dados, junto ao buscador do Google, em que foram lançadas as palavras-chave “professor” e “novas tecnologias” na expectativa de que ocorressem no título e/ou no resumo do texto. Foram selecionados nove trabalhos em língua portuguesa, publicados entre 2010 e 2013 em anais ou periódicos da área de seus autores, entre os quais um de Linguística Aplicada. A leitura revelou que está em curso, no campo educacional, uma vontade de verdade que relaciona educação e novas tecnologias, sendo enunciada por especialistas pesquisadores referendados pela sociedade; que tal vontade de verdade constitui uma prática contemporânea de subjetivação do sujeito da educação professor, fazendo-o mover-se para tornar-se outro diferente de si mesmo; e que essa ordem do discurso pode ser encapsulada por quatro enunciados básicos tradutores dos sentidos que emergem dos recortes selecionados: o professor está diante de um desafio, tem um novo papel, deve ser um mediador e precisa de capacitação. Intenta-se, assim, uma governamentalidade: um campo estratégico de relações de poder que configura um processo atual de fabricação de um “novo professor”, o que é esperado para atuar na sociedade tecnológica regida pelas relações de mercado e pela lógica neoliberal de governo.

Palavras-chave: discurso acadêmico, imaginário discursivo, governamentalidade, professor, novas tecnologias.

1 Introdução

As mudanças pelas quais passam os sujeitos e a sociedade no momento globalizado e tecnológico que estamos vivendo têm levado os estudiosos a proporem análises sob os mais variados pontos de vista. Entre essas reflexões, têm tido lugar de destaque questões referentes ao papel da escola no mundo contemporâneo. De par com as preocupações voltadas à formação do educando, insere-se também na pauta das discussões a questão de se (re)pensar a função docente num contexto tão específico como esse de transição de paradigmas.

O presente trabalho, portanto, procura investigar, sob o aporte teórico da Análise Discurso de tradição franco-brasileira, em uma perspectiva arqueogenealógica foucaultiana, as representações que se têm acerca desse sujeito da educação, o professor, no contexto acadêmico da atualidade, altamente marcado pela presença das novas tecnologias de informação e comunicação. Afinal, que professor é esse na visão dos especialistas que falam sobre a atuação docente nos dias de hoje?²

¹ Docente do PPGEL – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem e do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas do Centro de Letras e Ciências Humanas da UEL (Universidade Estadual de Londrina), PR. elianaruiz@uel.br.

² A pesquisa se insere num projeto maior, em desenvolvimento, que tem como título “Ensino-aprendizagem de Língua

A fim de procedermos a uma análise do discurso acadêmico visando a problematizar esse imaginário discursivo, fizemos uma busca inicial, no *Google*, por meio das palavras-chave “professor” e “novas tecnologias”. Buscávamos textos atuais, de várias áreas do conhecimento, em que tais termos figurassem no título e/ou no resumo do trabalho. Num levantamento prévio, chegamos a nove trabalhos de língua portuguesa publicados, entre 2010 e 2013, em periódicos ou anais das respectivas áreas de seus autores, a saber:

- Ferreira e Souza (2010) – professores de Química e Biologia - Instituto Federal Fluminense, RJ;
- Pretto e Riccio (2010) – doutor em Comunicação / mestre em Informática – UFBA, BA;
- Marchiori, Melo e Melo (2011) – professores de Fonoaudiologia – UNOPAR, PR;
- Pereira (2011) – professor de Geografia – UFPG, PR;
- Garcia et al. (2011) – doutores em Educação – UNICAMP, SP;
- Alda (2012) – mestranda em Linguística Aplicada – UCPel, RS;
- Molin e Raabe (2012) – professores de Educação e Computação Aplicada - Universidade do Vale do Itajaí, SC;
- Vieira (2012) – professor de História - Centro Universitário de Maringá, PR;
- e Moura e Brandão (2013) – professores de Educação – FAE – Faculdade Anglicana de Erechim, PR.

Dada a escolha aleatória das áreas de conhecimento e da região geográfica a que pertencem as instituições dos autores investigados, características dessa coleta inicial, os resultados que aqui apresentamos têm, evidentemente, caráter preliminar.

2 Ser professor hoje na visão acadêmica

Sabemos, com Pêcheux (1990a), que o sujeito da Análise do Discurso não é o indivíduo, sujeito empírico, mas o sujeito do discurso, que carrega consigo marcas do social, do ideológico, do histórico. Assim, o discurso produzido por um sujeito pressupõe um destinatário que se encontra num lugar determinado na estrutura de uma formação social.

Sempre que o sujeito de um discurso toma a palavra, ele mobiliza um funcionamento discursivo que remete a formações imaginárias: o sujeito que enuncia atribui imagens do destinatário, do referente e de si, e essas imagens condicionam o processo de elaboração discursiva, remetendo a mecanismos de funcionamento da linguagem – como relações de sentido, de força e de antecipação, todos condicionados pelas formações imaginárias.

No caso do mecanismo de antecipação, o sujeito coloca-se no lugar do destinatário, podendo, dessa forma, prever o efeito de suas palavras; o locutor regula, pois, seu discurso, conforme os efeitos que tenciona reproduzir no interlocutor. Já na relação de forças, o sentido das palavras é regulado de acordo com o lugar social ocupado pelo sujeito falante; ou seja, a posição social ocupada por este é inerente ao seu dizer. Assim, certos dizeres dominam outros, conforme a representação que se faz do lugar social ocupado por aquele que enuncia.

Tais mecanismos nos permitem, então, dizer que não são os lugares empíricos, ocupados pelos sujeitos, que determinam os dizeres, mas a representação que o sujeito faz de si, do outro, do outro em relação a si e do referente.

Um discurso não implica necessariamente uma mera troca de informações entre interlocutores, mas sim um jogo de “efeitos de sentido” entre os participantes; os sentidos seriam

produzidos por um certo imaginário, que é social e que é, por sua vez, resultado das relações entre poder e sentidos. Logo, nos processos discursivos, vemos funcionar uma série de formações imaginárias que designam os lugares “que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.” (PÊCHEUX, 1990b, p. 82). De modo que interessa-nos, particularmente, que a representação que o sujeito faz do interlocutor direciona a produção de seu discurso.

Transportando para a situação acadêmica em que os protagonistas da cena enunciativa, os pesquisadores, produzem dizeres (na forma de artigos científicos) endereçados a seus leitores, o que se observa é uma interação determinada por um jogo imaginário, segundo o qual tais especialistas reproduzem ações e dizeres próprios da ocupação de seus lugares, de suas posições-sujeito (PÊCHEUX, 1995). Segundo esse jogo, cabe ao pesquisador – enquanto aquele que, em princípio, sabe –, enunciar uma verdade ao leitor – a aquele que, em princípio, não sabe. Mais especificamente, os dizeres e as ações do sujeito-autor pesquisador se fazem segundo o que ele imagina que seja ele mesmo, o que seja o leitor e o que seja o referente. Vejamos como isso se dá relativamente aos dados analisados.

De um modo geral, pudemos perceber que os artigos investigados consistem num discurso no qual se observa, a despeito da diferença entre as áreas de conhecimento de seus autores, uma impressionante regularidade na enunciação de uma verdade acerca do professor contemporâneo. Essa verdade, segundo pudemos notar, emerge na forma de uma grande proposição, composta por quatro enunciados complementares, que carregam em si, respectivamente, cada um dos traços que comporiam esse imaginário discursivo acerca do sujeito da educação professor. Apresentamos a forma sumarizada esses enunciados: **O professor está diante de um desafio; O professor tem um novo papel; O professor deve ser um mediador; O professor precisa de capacitação.**

Evidentemente, tais enunciados não aparecem materializados na superfície linguística dos textos com essa estrutura sintática, por estarem a serviço do sentido global pretendido pelo enunciador em seu artigo. Porém, o que se observa é que, embora não apareçam necessariamente assim estruturados, nessa mesma ordem ou conjugados entre si, em cada um dos textos, a sua enunciação se dá, sempre na **modalidade alética**.³ Considerada a maneira com que o falante se expressa no conteúdo da frase que diz, “a modalidade alética refere-se às noções de verdade e/ou falsidade das proposições, podendo os enunciados de uma ciência ser necessária ou possivelmente verdadeiros” (FERNANDES, 2014, p. 157).

Abaixo seguem alguns recortes discursivos (RD) representativos do primeiro enunciado (**O professor está diante de um desafio**):

RD1: A prática docente com o uso de tecnologias digitais se constitui em grande desafio aos professores nos tempos atuais. (GARCIA ET AL., 2011, p.79)

RD2: Na atualidade, fala-se que as TIC têm um grande potencial para inovar a prática pedagógica, melhorando a qualidade do ensino e, portanto, da educação. No entanto, como se vem discutindo até aqui, a implantação dessas tecnologias na escola tem desafiado o professor no sentido de aprender a manipular o computador, usar seus aplicativos e a Internet, além de saber os porquês e como integrá-los à prática diária na escola. (MOLIN E RAABE, 2012, p. 256)

O emprego da expressão **desafio** sugere que há uma disputa em jogo, uma convocação, em que alguém é instigado a ultrapassar um grande obstáculo, a realizar algo além de suas competências ou habilidades.⁴ Enquanto os sujeitos-enunciadores de RD1 afirmam que o desafio

³ De acordo com Castilho (2002), **modalidade** é a estratégia que consiste em apresentar o conteúdo proposicional numa forma assertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não polar) ou jussiva (imperativa ou optativa).

⁴ Conforme < <http://www.dicio.com.br/desafio/>>. Acesso em: 15 out. 2014.

que está posto aos professores nos tempos atuais é a prática docente com o uso das tecnologias, os de RD2 entendem que tal desafio está na implantação dessas tecnologias na escola, aliada à sua manipulação na prática diária.

Quando consideramos o segundo enunciado (**O professor tem um novo papel**), parece que o desafio a que os autores mencionados se referem adquire contornos mais delineados:

RD3: Superar o paradigma tradicional ainda hegemônico **implica**, entretanto, **(re)pensar o papel e as competências docentes** para lidar com necessidades atuais de formação bem como a organização da sala de aula, já que sua configuração não é mais a mesma de anos atrás. (GARCIA ET AL., 2011, p.79)

RD4: Além disso, as mudanças tecnológicas também modificam as novas gerações que surgem, e por conseguinte, surge um novo contexto educacional que **exige uma nova postura por parte do professor**. Desse modo, este artigo objetiva discorrer acerca desse novo contexto educacional que surge, visando esclarecer qual é o papel que o professor deveria assumir na contemporaneidade. (ALDA, 2012, p. 1)

RD5: **O ensino hoje requer mudança no papel do profissional de educação** que possa estimular o aluno a buscar e selecionar as fontes de informação voltadas ao ensino e à pesquisa, estudando-as e recriando-as. (MOURA E BRANDÃO, 2013, p. 2)

Trata-se, como se pode perceber, de impor ao professor o desafio aludido não apenas no sentido de inserir as novas tecnologias em sua prática, mas no sentido de fazê-lo transformar-se como tal, proceder a uma mudança, a uma alteração de si mesmo. Segundo a Wikipédia, “uma mudança ou transformação pressupõe uma alteração de um estado, modelo ou situação anterior, para um estado, modelo ou situação futuros, por razões inesperadas e incontroláveis, ou por razões planejadas e premeditadas”.⁵ A imposição vem na forma de uma exortação, por parte dos sujeitos-pesquisadores, a uma ação de grande porte a ser empreendida pelo professor: **(re)pensar o papel e as competências docentes (RD3)**, **[ter] uma nova postura (RD4)**, **[proceder] a uma mudança no papel do profissional da educação (RD5)**. E a convocação se dá discursivamente pelo emprego das formas verbais do presente do indicativo: **implica** [repensar], **exige** [nova postura] e **requer** [mudança no papel] – que, como vimos, caracterizam a enunciação de uma verdade.

A natureza dessa transformação a que é chamado o professor realizar vai aparecer melhor configurada no terceiro enunciado a que aludimos (**O professor deve ser um mediador**), conforme os excertos que seguem:

RD6: Em um mundo conectado em rede, com inúmeras trocas de informação e rapidez de interação, **o papel do professor**, em suma, **é auxiliar o aluno na busca pelo conhecimento, ser um mediador entre o aluno e a aprendizagem**. O professor pós-moderno deve estar em sincronia com a contemporaneidade, saber utilizar as tecnologias em prol de um ensino mais eficiente e eficaz, trabalhar em parceria com o aluno e, além de tudo isso, ser consciente de que não é o detentor de todo o conhecimento. Hoje, é necessário ensinar nossos alunos a refletir, questionar, raciocinar e compreender a nossa realidade, para que possam contribuir com a sociedade e construir opiniões próprias. (ALDA, 2012, p.3)

RD7: O que fazer com um aluno que já nasceu na era da informação e que já traz consigo a experiência de um mundo tomado pela velocidade dos acontecimentos? A resposta torna-se simples: respeitando e avaliando a base de conhecimento já incorporada pelo estudante quando ele chega à escola, conduzindo-o a pesquisa e produção do conhecimento, **mediando-o em sua caminhada na carreira estudantil**, incorporando novos conhecimentos no

⁵ Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mudança>>. Acesso em: 15 out. 2014.

cotidiano em sala. Para tanto o professor pode e deve incorporar as novas tecnologias em seu método de ensino. Falando a “língua do aluno” [...]. (VIEIRA, 2012, p.97)

RD8: O uso das novas tecnologias da comunicação e informação representa uma grande inovação na educação, pois propicia o desenvolvimento das produções em colaboração, podendo instigar o espírito investigativo tanto dos alunos quanto dos professores sendo que **estes poderão apropriar-se do uso das tecnologias para mediar os trabalhos dos estudantes**, sentindo-se desafiados a buscar condições mais adequadas para o processo de aprendizagem interativo e dinâmico. (MOURA E BRANDÃO, 2013, p.3)

A grande mudança enunciada pelos sujeitos-especialistas relativamente ao papel do professor, como está posto nesses recortes, aparece atrelada a uma postura de mediação do conhecimento. Ensinar, agora, passa a ser mediar: “intervir como árbitro ou mediador”, sendo **mediação** “intervenção, intercessão, intermédio” (FERREIRA, [s.d.], p. 903); “ação de auxiliar como intermediário entre indivíduos ou grupo de pessoas” (dicionário online de português⁶). Pressupõe-se, pois, haver uma dupla possibilidade de atuação pedagógica por parte desse sujeito da educação, quando se considera os efeitos da presença das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem: uma atuação anterior ao advento das novas tecnologias e uma atuação no interior das novas tecnologias. E a explicação para essa mudança de papel é feita por um dos próprios sujeitos-autores aqui pesquisados:

A educação e o sistema educativo sofreram grandes mudanças nos últimos tempos. A partir do século XX, os avanços tecnológicos popularizaram o acesso à informação, modificando a maneira como vivemos e, conseqüentemente, a maneira como aprendemos. A nossa sociedade, atualmente, está em rede; e isso provocou mudanças marcantes. A aprendizagem não é mais individual, mas sim coletiva. O conhecimento é construído em grupo e incontestavelmente está mais acessível. Logo, qual é o papel do professor hoje? Qual é o impacto do professor numa sociedade em rede, com tantas oportunidades de aprendizagem?

Anteriormente, o professor era o único participante ativo da sala de aula; aquele que detinha o conhecimento e que transmitia para os alunos todo o seu estudo e sabedoria de forma linear, passando apenas do professor para os alunos, sem grandes reflexões ou visão crítica dos conteúdos. A educação tradicional era centrada no professor, fundamentalmente baseada em texto e excessivamente expositiva. Porém, a nova geração está acostumada a agir em vez de passivamente assistir. Com a evolução das tecnologias e da sociedade, além das oportunidades de aprendizagem, os alunos também mudaram (ALDA, 2012, p.2).

Assim, o raciocínio que parece sustentar a proposição da verdade enunciada pelos sujeitos-especialistas, é o seguinte: se para atuar em sala de aula em conexão com as novas tecnologias o professor da atualidade enfrenta o desafio de mudar seu papel para o de mediador do conhecimento, então – eis o último enunciado que compõe a proposição –, ele precisa de capacitação. É o que vemos no nosso último bloco de recortes:

RD9: Neste ponto, podemos pensar então na **importância de expandir o repertório tecnológico dos docentes como meio de instrumentalizá-los** para uma prática pedagógica fundamentada em um novo paradigma, diferente do tradicional, que mantém distantes alunos e professores. (GARCIA ET AL., 2011, p. 79)

RD10: Discute-se a importância da atenção no ensino/aprendizagem na universidade em conexão com as novas tecnologias, propondo-se de forma simples, **o aprimoramento do desempenho do professor universitário em relação a estas tecnologias**. (MARCHIORI, MELO E MELO, 2011, p.1)

⁶ Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/mediacao/>>. Acesso em: 16 out.2014.

RD11: É evidente que os professores necessitam acompanhar as mudanças a fim de adaptar-se. Porém, tendo em vista que a maioria dos professores está acostumada com o ensino tradicional, linear, baseado em textos, prováveis desafios podem vir a ser enfrentados por professores, entre os quais, destacam-se a necessidade de letramento digital, a resistência ao uso de novas tecnologias e à formação continuada. Por isso, **é de suma importância para o professor buscar um aperfeiçoamento contínuo, a fim de adaptar-se às novas metodologias** que surgem para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem. Devemos sempre acompanhar a evolução, a fim de buscar o conhecimento para compartilhá-lo. (ALDA, 2012, p. 4)

RD12: [...] este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou conhecer as percepções de um grupo de professores sobre possíveis transformações ocorridas em suas práticas pedagógicas após terem participado, nos anos de 2008 e 2009, do curso de formação continuada ‘Introdução à Educação Digital’. Evento promovido, em todo o País, pelo Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional - Proinfo Integrado. O objetivo deste curso é contribuir para a inclusão digital dos profissionais da educação, visando familiarizar, motivar e **preparar os professores e gestores para a utilização dos recursos e serviços mais usuais dos computadores e da Internet.** (MOLIN E RAABE, 2012, p. 250)

Ora, uma vez afirmada a **importância de [se] expandir o repertório tecnológico dos docentes**, do **aprimoramento do desempenho do professor**, do seu **aperfeiçoamento contínuo** e de **preparar os professores e gestores para a utilização dos recursos e serviços mais usuais dos computadores e da Internet**, afirma-se a sua necessidade de capacitação, já que, por meio de um não-dito, afirma-se, igualmente, que os professores estão despreparados para dar conta do anunciado desafio.

No intuito de concluir nossa análise de tais enunciados, faremos algumas considerações de caráter teórico.

Não há dúvida de que estamos diante de um **discurso**, segundo a Análise de Discurso derivada da obra de Michel Pêcheux, porque o que é enunciado é enunciado de um lugar ideologicamente marcado: designa um autor, uma instância produtora, uma função-sujeito dadas as posições sociais dos envolvidos (especialistas, público leitor) e manifesta um sentido segundo tais posições (e em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem).

Estamos diante de um discurso, porque se trata de um conjunto de enunciados que derivam de (ou materializam) uma mesma **formação discursiva** (FOUCAULT, [1969]1987; PÊCHEUX, 1990b), ou seja, implica regularidades (constitui uma constância de unidade na dispersão dos acontecimentos, apresenta uma identidade e persistência de temas); existe em um tempo e espaço físico-social, refletindo condições de produção historicamente definidas (atualidade, universalidade); e refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social (ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas).

Estamos, ainda, diante de um discurso, porque, ao ser produzido, o enunciado constitui uma ação social em um contexto situacional historicamente determinado: primeiro, é um procedimento de controle por meio da interdição: impõe regras de exclusão aos sujeitos do discurso (estabelece direitos e proibições em relação ao ato de falar, quem pode ter acesso a certos discursos e quem deve ser interdito, já que para entrar na ordem do discurso é preciso ser qualificado para tal); segundo, é um procedimento de controle por meio da **vontade de verdade** (FOUCAULT, [1971]1999c) – retrata como o saber é aplicado na sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido, atribuído – ; e, finalmente, em sua relação com o sujeito, incita, provoca, faz deslocar.

Mais do que isso, estamos diante de um discurso que funciona como um **dispositivo de poder** (FOUCAULT, [1988]1999b). Vamos lembrar que, para Foucault ([1987]1999a), o **poder**

não está localizado em nenhum ponto específico da estrutura social, não é propriedade de ninguém; está em toda parte, provém de todos os lugares; é focalizado em microinstâncias, por ser um exercício integrante do cotidiano, que promove a constituição da identidade dos sujeitos; é um modo de ação de alguns sobre os outros (uma maneira de agir sobre a ação dos outros para conduzir condutas); existe (é observável) sob a forma de relações perpassadas pelos discursos; funciona em rede e promove a docilidade e a submissão daqueles sobre quem ele recai.

Estamos, pois, diante de um dispositivo de poder, porque se trata de um tipo de formação que, em determinado momento histórico, surge para responder a uma urgência (FERNANDES, 2012, p. 66): atuar pedagogicamente num mundo dominado pelas novas tecnologias. É produzido a partir de um **regime de verdade** socialmente determinado, uma vez que, conforme Foucault ([1979]2009, p.12), “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros”.

3 Considerações (in)conclusivas

A análise preliminar a que procedemos desses artigos acadêmicos selecionados, nos indica que está em curso, no campo educacional, um saber pós-moderno focado nas novas tecnologias de informação e comunicação. Há uma vontade de verdade que relaciona educação e novas tecnologias sendo enunciada por sujeitos especialistas referendados pela sociedade.

Na medida em que “o dispositivo é, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações e somente enquanto tal é também uma máquina de governo (AGAMBEN, 2009, p. 46, *apud* FERNANDES, 2012, p. 68), essa vontade de verdade é destinada a produzir, a moldar e a controlar a subjetividade, constituindo uma prática contemporânea de subjetivação do sujeito da educação professor, fazendo-o mover-se para tornar-se outro diferente de si mesmo. Funciona como uma força sobre os sujeitos da educação, levando-os à sujeição, já que induz a uma ética educacional geral de acesso ao conhecimento das novas tecnologias. E é fundamental para definir e possibilitar o pertencimento desses sujeitos a um certo grupo, que hoje vai se constituindo com um *status* pedagógico privilegiado.

Segundo o gesto interpretativo que ora fazemos, intenta-se, portanto, uma governamentalidade, um campo estratégico de relações de poder no universo acadêmico e educacional. Trata-se de um processo de fabricação de um “novo professor” ou de um “professor de sucesso”, poderíamos assim dizer, para atuar na sociedade tecnológica. De forma que um novo *ethos* do sujeito da educação professor (a maneira de ser do sujeito professor) está sendo produzido.

Este processo, acreditamos, está a serviço das demandas da sociedade de consumo regida pela lógica de governo neoliberal. Mas esse é um assunto que fica para uma próxima oportunidade.

Referências Bibliográficas

- ^L 1] AGAMBEN, G. *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Tradução: Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ^L 2] ALDA, L. S. Novas tecnologias, novos alunos, novos professores? Refletindo sobre o papel do professor na contemporaneidade. *Anais do XII Seminário Internacional de Letras*, UNIFRA, Santa Maria, p.1-6, 2012.
- ^L 3] CASTILHO, A. & CASTILHO, C. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- ^L 4] FERNANDES, C. A. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.

- 5] FERNANDES, M. B. S. Breve abordagem da categoria discursiva modalidade. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/157.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.
- 6] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 11. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s.d.].
- 7] FERREIRA, A. de O.; SOUZA, M. J. J. A redefinição do papel da escola e do professor na sociedade atual. *Vértices*, Campos dos Goytacazes, v.12, n.3, p.165-175, 2010.
- 8] FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. Edição original: 1969.
- 9] _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999a. Edição original: 1987.
- 10] _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução: M. Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999b. Edição original: 1988.
- 11] _____. *A ordem do discurso*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999c. Edição original: 1971.
- 12] _____. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica: Roberto Machado. 27. imp. São Paulo: Graal, 2009. Edição original: 1979.
- 13] GARCIA, M. F.; RABELO, D. F.; SILVA, da D.; AMARAL, S. F. do. Novas competências docentes frente às tecnologias digitais interativas. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, Campinas, v. 14, n. 1, p. 79-87, 2011.
- 14] MARCHIORI, I. L. de M.; MELO, J. J.; MELO, W. J. Avaliação docente em relação às novas tecnologias para a didática e atenção no ensino superior. *Avaliação*, Campinas, v.16, n.2, 2011.
- 15] MOLIN, S. L. E RAABE, A. Novas tecnologias na educação: transformações da prática pedagógica no discurso do professor. *Acta Scientiarum.Education*, Maringá, v.34, n.2, 2012.
- 16] MOURA, E.; BRANDÃO, E. O uso das tecnologias digitais na modificação da prática educativa escolar. *Revista Científica Fazer*, Erechim, n. 129, p.1-17, 2013.
- 17] PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET. F. e HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução: Bethânia Mariani et al. Campinas, SP: Unicamp, 1990a, p. 61-161. Edição original: 1969.
- 18] _____. A Análise do Discurso: três épocas (1983). In: GADET. F. e HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução: Bethânia Mariani et al. Campinas, SP: Unicamp, 1990b, p. 61-161. Edição original: 1969.
- 19] _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni P. Orlandi et al., 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995. Edição original: 1978.
- 20] PEREIRA, R. Novas tecnologias, políticas públicas e gestão do território escolar. *Geografia Ensino & Pesquisa*, Santa Maria, v.15, n.1, p.97-109, 2011.
- 21] PRETTO, N. De L.; RICCIO, N. C. R. A formação continuada de professores universitários e as tecnologias digitais. *Educar*, Curitiba, n.37, p.153-169, 2010.
- 22] VIEIRA, M. M. Educação e Novas Tecnologias: o papel do professor nesse cenário de inovações. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n.129, p.95-102, 2012.